

**Goyaz**

Visconde de Taunay  
1875

# **Goyaz**

**Visconde de Taunay**

Instituto Centro-Brasileiro de Cultura

## PREFÁCIO

Havendo em 1872 sido eleito deputado por Goyaz à 15ª legislatura e em 1875 reeleito, entendeu o autor deste volume, como preito ao eleitorado que o havia delegado ao Parlamento, escrever uma memória analisando a contribuição da província, que representava, à Exposição Nacional do Rio de Janeiro, preparatória à do Brasil no grande certame universal da Filadélfia, em 1876, comemorativo do primeiro centenário da independência dos Estados Unidos da América.

É esta memória que hoje se republica em segunda edição, mercê do carinho com que os meus prezados amigos os srs. Weiszflog Irmãos<sup>1</sup> se têm empenhado em oferecer ao público brasileiro uma edição completa das obras de meu pai, já hoje constante de 32 volumes.

Mereceu o estudo do Taunay largo apreço do público. Há quase meio século esgotou-se a sua primeira edição. Os exemplares que dela andam nas livrarias de obras brasileiras atingem preços significativos do empenho dos candidatos à sua posse. Frequentemente vêm as suas páginas citadas na imprensa e em obras que se ocupam do grande Estado central. É um livro, por assim dizer, inédito, pois que hoje tenho a honra de apresentar ao público brasileiro.

Em anexo à obra de meu pai resolvi publicar valioso trabalho oficial referente a um dos maiores problemas de Goyaz e do Brasil Central – o estabelecimento da navegação franca dos dois imensos caudais, o Araguaia e o Tocantins.

Subscreve-o um nome glorioso nos fastos militares brasileiros: o de Antônio Florêncio Pereira do Lago, o heróico soldado que foi uma das mais notáveis figuras da campanha de Mato Grosso, sobretudo da Retirada da Laguna,<sup>2</sup> e mais tarde prestou ainda, valiosíssimos serviços ao Brasil, como proficiente engenheiro militar e sertanista afeito a todas as rudezas da vida.

É-me sobremodo grato associar neste volume as obras de dois companheiros de armas, irmanados por uma amizade que jamais sofreu uma diminuição por pequena que

---

<sup>1</sup> Trata-se de Otto e Alfried Weiszflog, editores originários de Hamburgo (Alemanha), fundadores da Weiszflog Irmãos & Cia., mais tarde Companhia Melhoramentos, ainda hoje em atividade.

<sup>2</sup> Episódios da Guerra do Paraguai (1864-70), da qual Taunay participou como engenheiro militar. Sua experiência na campanha do Paraguai rendeu pelo menos duas obras: *Diário do Exército* (1870) e *A Retirada da Laguna* (1871).

fosse, e de que meu pai, biógrafo de seu amigo, imenso se desvanecia.

É hoje raro este documento valioso, este relatório de Pereira do Lago ao Governo Imperial, por quem foi publicado na Imprensa Nacional em 1876. Os que amam o estudo das coisas da nossa terra apreciarão certamente estas páginas de tão prestante quanto indefesso servidor do Brasil que foi Antônio Florêncio Pereira do Lago.

S. Paulo, 3 de setembro de 1931

Afonso de E. Taunay

# GOYAZ

## I

### O grande certame universal de Filadélfia em 1876.

#### O convite dos Estados Unidos ao Brasil

Para comemorar o primeiro centenário de sua heróica e penosa independência, teve a grande confederação norte-americana um pensamento elevado e digno sem duvida daquele memorável dia.

Congregar em tomo de si todas as nações do mundo civilizado para a glorificação, em comum, do trabalho, que tanto a exaltou; fazer das riquezas do globo e das maravilhas da indústria humana auréola à grandiosa recordação; apelidar todos os povos à vasta e incruenta arena, como rememoração de sanguinolentas vitórias: tal foi a realização daquela idéia que o orbe acolheu jubiloso, porque com razão ligou a essa majestosa festa o sentimento consagrador de um dos mais esplêndidos e duradouros triunfos da liberdade.

Na história das duas Américas a exposição universal de Filadélfia por certo marcará era notável. Significa a confiança e a força que a atividade e a união produzem: significa o progresso e a prosperidade do novo mundo que, sem receio do julgamento dos países europeus, os convida a virem dar maior realce às suas festividades.

Para todos os povos destes dois grandes continentes, a ocasião é, pois, solene.

Pela vez primeira voltar-se-ão as vistas da Europa para além-Atlântico, a contemplar não o embate das armas, o encontro de exércitos a se despedaçarem, mas esperando com curiosidade, e talvez sobressalto, o resultado do pleito pacífico em que se empenhou ao lado de povos que ela viu nascer e formou, que são seus filhos e pupilos – crianças quase, a competir com velhos.

Outra consideração de mais vulto ainda se prende também àquela solenidade. Ali serão, embora em resumido quadro, descortinadas a opulência e possança da natureza americana e como, sem contestação, são eles os mais poderosos auxiliares do homem na aplicação de sua energia, terão, pela admiração que incutirem, decisiva influência na questão hoje vital para qualquer das nacionalidades da América: a emigração.

Ah! Se o Brasil, este dilatado Império que há tantos anos goza os benefícios de sábias instituições e as doçuras de inalterável ordem e tranqüilidade; se este país, regido

por libérrima norma, que só pela grandeza territorial logo se impõe à atenção de quem lança os olhos para um mapa-múndi: se ele pudesse aproveitar o ensejo e, ao passo que desdobrasse ante as vistas maravilhadas do mundo a assombrosa magnificência de sua natureza, proclamasse a quantos se achem peados, infelizes, descontentes ou desanimados no seu torrão natal:

– Vinde, vinde! Aqui encontrareis a hospitalidade na sua mais bela e ampla forma – a grande naturalização. Vinde! Aqui achareis todas as leis protetoras, a prática das aspirações generosas do século, a garantia para vossas famílias, a liberdade, a segurança e a paz! Trazei-me o concurso de vossa inteligência, de vossa ilustração, de vossa atividade, de vosso trabalho, e eu, ajudado por esta natureza que vos obumbra, dar-vos-ei riqueza e felicidade, consideração e amor.

Ah! Se o Brasil dissesse isso, a exposição de Filadélfia deveria ser abençoada por quantos estremecem a pátria e impacientes quereriam vê-la marchar pujante, como é digna, como pode, entre as primeiras nações do mundo...

## II

### A exposição nacional brasileira de 1875.

#### O apelo às diversas circunscrições do país.

##### A resposta goiana

A falta desse deslumbrante programa que ainda não podemos apregoar, busquemos aparecer de modo condigno na festa a que fomos convidados, mostrando que temos sabido caminhar, senão com pasmosa celeridade, em todo caso com seriedade e tino, na carreira da vida.

Realização de tão justo empenho foi sem dúvida a exposição nacional organizada no palácio do Ministério da Agricultura. Ali se reuniram todos os produtos enviados por cada uma das vinte províncias do Império, a fim de serem sujeitos a rigoroso exame e irem depois conjuntamente representar o Brasil no que tem de importante, de útil, curioso e interessante, no que patenteia o seu incremento e justifica as fagueiras esperanças do futuro.

Como todas as outras, foi a província de Goyaz convidada a cooperar com o contingente que em suas forças coubesse; convite obrigatório que, nas circunstâncias especiais em que se acha, trazia-lhe grave o custoso compromisso.

Só de um lado houve logo e devia haver nos seus nobres filhos o desejo patriótico de acudir ao chamado do país, de outro era-lhe natural, e bem desculpável, o sentimento de esquivança em vir entrar em desvantajosa competência com outras porções do Império privilegiadas pela força das coisas ou pelo favor dos homens, e exhibir apoucadas amostras daquilo que por si é grandioso e infunde grata surpresa.

Nessa alternativa, a província de Goyaz procedeu com a lealdade e clareza que lhe são costumadas e, com os recursos financeiros de que dispõe, à exposição nacional enviou o que pôde, unicamente como inequívoca prova de boa vontade, e não como representação do que é, do que vale, do que poderá ser e há de valer um dia.

Basta enumerar a soma empregada na aquisição e remessa dos produtos agrícolas e industriais, que deviam viajar por terra centenas de léguas antes de chegarem às prateleiras onde estiveram dispostos, basta enunciá-la para dar plena justificação à singeleza daquela exposição e ver que baldados haviam do ser os esforços dos filhos de tão longínqua zona e do seu digno, probo e estimado administrador: um conto e seiscentos mil réis!

### III

#### Variedade e exuberância dos recursos goianos.

##### Goyaz e as outras províncias do Império.

##### O papel civilizador de S. Paulo

E entretanto Goyaz, pela variedade e exuberância, dos recursos naturais que encerra, é uma província imensa, uma região favorecida dos mais opulentos e apetevidos dons da criação.

Grandes rios por toda a parte lhe cortam a extensa área, como que incitando o comércio interno e a permuta: campos ubérrimos se alongam desertos e inaproveitados; metais preciosos jazem ocultos nas entranhas da terra; matas de alentados madeiros orlam os caudais e cobrem o dorso de serras salpicadas de custosos cristais: todos os tesouros, enfim, da natureza acham-se ali espalhados com inexcedível profusão, tão abundante quão abandonados.

Quantas vezes não fica o viajante extasiado ao ver desenrolarem-se ante seus passos dilatadas e verdejantes campinas, esmaltadas de um sem-número de flores silvestres, sulcadas de córregos limpidíssimos, ornadas de majestosos buritis, e ao longe

emolduradas por linhas de montanhas caprichosamente recortadas?

Quantas?

É isto que Goyaz não pôde enviar ao palácio da exposição nacional.

Se o painel é mágico, em compensação as sombras são carregadas.

Goyaz, essa região favorecida, é o centro do Brasil, cuja maior vitalidade e civilização concentram-se, como é sabido, na orla marítima, embora se alargue de dia para dia.

Goyaz não tem população para bem povoar uma zona sequer de seu imenso território; não tem hábitos de trabalho constante, pois não vê a retribuição imediata do labor; não sente em si a evolução do progresso; vive vida lânguida e desanimada e, prostrado sobre minas riquíssimas de ouro, não possui um real de seu.

Amazonas e Mato Grosso podem à primeira vista parecer ainda mais mal aquinhoados e infelizes; mas elas [as províncias] têm o Amazonas e o Paraguai, rios francos, navegados sem interrupção e que são outros tantos braços do oceano a levarem ao centro das mais remotas localidades o alento e o comércio.

Sertão no Brasil quer dizer terreno ainda não de todo ganho ao trabalho e à civilização. Todas as províncias limítrofes de Goyaz o têm largo e até mal conhecido; mas agora aos pontos mais extremos do Pará, Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, S. Paulo e Mato Grosso, somem-se as léguas e léguas que é preciso vencer para chegar à capital de Goyaz e às suas cidades, senão florescentes, em todo o caso não moribundas, e ter-se-á consideração para quem vive tão segregado e talvez esquecido da comunhão brasileira.

Vai nisto uma increpação, uma censura, um queixume?

Não, até certo ponto.

Ninguém pode ser culpado das desvantagens topográficas com que luta a província; ninguém pode de chofre remediá-las. Ela tem irremessivelmente que esperar que as irmãs que a cercam ganhem forças e progridam, a fim de receber a influência externa e, cobrando robustez, concorrer lambem para o engrandecimento da pátria comum.

E, como S. Paulo, lembrado da antiga e assombrosa energia, marcha na irradiação do progresso novamente para o norte, desta feita assinalando seus passos com triunfos mais duráveis, é por aquele lado que, com razão, esperam os goianos mais depressa receber o abalo que os sacuda do entorpecimento de letal prostração.

Chegue, com efeito, uma linha férrea às margens do majestoso rio Grande – e

esse dia não está distante –, e logo raiará, se não para a província toda, com certeza para sua parte meridional, mais povoada e laboriosa, uma era de real prosperidade e de esperanças, ainda não conhecida.

Esse dia, esse momento, Goyaz terá tido o merecimento raro de esperá-lo paciente e resignadamente que é triste viver-se em terra que vai em decadência, sem que ao longe se veja luzir promessa de melhores tempos.

## IV

### A fase da mineração aurífera.

#### Dias de esplendor. Decréscimo de mineração.

#### Desmembramento do território goiano

Foi a sede de ouro que trouxe o descobrimento de Goyaz. Aventureiros de toda a casta seguiram as pisadas de Pascoal Paes de Araújo, Manuel Correia, e, sobretudo de Bartolomeu Bueno da Silva – o Anhangüera – e de seu filho, que, varando ínvios sertões, arremessando diante de si hordas de índios, embora pacíficos, e, escravizando-os, foram ter às margens do Araguaia.

As descrições da região [das tribos] dos araés ou aracis, onde eram de ouro as montanhas, de prata o fundo dos lagos encantados e nas rochas viam-se gravados os martírios de Nosso Senhor Jesus Cristo, inflamavam a imaginação daqueles intrépidos exploradores, possuídos todos da febre das riquezas e os impeliavam em numerosas e desordenadas chusmas a buscarem as sonhadas maravilhas.

Apesar do que encontraram, do muito ouro que o seio das terras freneticamente revolvido, os rios desviados do curso, as montanhas cortadas a talho aberto, desvendaram, tantos foram os malogros, tamanhos os desenganos que as povoações de Goyaz, às pressas constituídas, nunca tiveram, para assim dizer, um período de verdadeiro florescimento.

Já em 1785 o governador Tristão da Cunha<sup>3</sup> assinalava seu profundo abatimento, quando [as povoações] apenas datavam de 1726.

---

<sup>3</sup> Tristão da Cunha Menezes, governador da capitania de Goiás de 27 de junho de 1783 a 25 de fevereiro de 1800.



Com efeito, diz um escritor notável, o general Cunha Matos,<sup>4</sup> os anos de 1761 e seguintes foram e têm sido anos diversos dos que haviam decorrido desde a descoberta da província. O ouro diminuiu, as fábricas dessecação-se, os trabalhos extinguiram-se, e os habitantes de Goyaz sentiram a mão férrea da desgraça ir pesando sobre suas cabeças. Endividados com a fazenda pública, com as praças de comércio de beira-mar, com o juízo dos defuntos e ausentes, com o cofre dos órfãos, e com os particulares que os haviam acreditado, perseguidos pelos inexoráveis agentes fiscais e pelos credores, viram-se eles despojados de suas efêmeras riquezas, e reduzidos repentinamente à última indigência.

As coisas nesse declive foram a pior, e, quando Augusto de Saint-Hilaire,<sup>5</sup> em 1819, visitou a província, pôde nas seguintes palavras reunir o seu passado e o que ele via com os olhos da mais escrupulosa imparcialidade:

Minas de ouro descobertas por alguns homens audazes e empreendedores; uma multidão de aventureiros precipitando-se sobre riquezas anunciadas com a exageração da avidez e da esperança; uma sociedade que ganha hábitos de ordem sob o rigor da disciplina militar e cujos costumes foram se abrandando pela influência de clima abrasador e mole ociosidade; curtos instantes de esplendor e prodigalidade; ruínas e contristador decaimento; tal é em poucas palavras a história da província de Goyaz.

E como consolo, acrescenta:

É mais ou menos a de todas as regiões auríferas.

Naquelas dolorosas circunstâncias, certo parecia o aniquilamento total.

O que, porém, impediu, que todos os arraiais fossem progressivamente se extinguindo, como aconteceu com tantos de que resta tão-somente o nome, que as populações desacoroçoadas para sempre deixassem os lugares que não podiam mais satisfazer suas largas ambições?

Foi uma nobre resolução.

Os filhos daqueles inquietos exploradores compreenderam que era impossível continuar a ingrata mineração que exaure o solo e só enriquece o forasteiro, e então puseram-se não mais a cavar a terra, mas a cultivá-la, e de pronto colheitas feracíssimas,

---

<sup>4</sup> Raimundo José da Cunha Matos, autor de *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerias e Goyaz* e *Corografia histórica da província de Goyaz*, publicados respectivamente em 1836 e 1874. Veja também bibliografia no final.

<sup>5</sup> Naturalista francês (1799-1853), viajou por Goiás entre maio e setembro de 1819, autor de *Voyages dans l'intérieur du Brésil, 3<sup>ème</sup> partie: Voyages aux sources du Rio S. Francisco et dans la province de Goyaz*, publicado na França entre 1847 e 1848. Veja também bibliografia no final.

umas após outras, cada qual mais copiosa, recompensaram o abençoado trabalho.

Tanta fartura, excedente de muito às necessidades do limitado consumo, foi então aos poucos, mas seguidamente, atraindo nova emigração de gente, e esta moralizada e afeita às lidas da agricultura. Foi assim que milhares de mineiros, paulistas e cearenses vieram e vêm sucessivamente vindo povoar e fertilizar os sertões de Goyaz, trazendo para essa nova terra de promessa todos os benefícios da confiança no futuro.

Daquela transformação difícil, que honra a província e que ainda se está operando, surgiu o apego que todo goiano tem à terra em que nasceu. Pode achá-la tristonha, entorpecida, isolada, mas ama-a com todas as forças do coração.

As mutilações que já sofreu e ainda receia, à vista das pretensões das províncias confinantes, doem-lhe fundamente, e não por tacaño egoísmo, que são as mesmas porções destacadas e unidas a corpos mais vigorosos que se queixam e protestam.

Foi por isto, foi inspirado nesse arreigado e veemente sentimento que, como representante de Goyaz na última legislatura, com tenacidade me opus à projetada desanexação da importante comarca da Boa Vista<sup>6</sup> em favor do Pará.

Para tais desmembramentos acabou o pretexto sempre renascente. Hoje Goyaz, sobretudo daquele lado, tem limites perfeitamente naturais, limites como nenhuma outra província; deve conservá-los e esperar unido dias mais felizes e a que tem pleno direito.

Ou então, atendendo a considerações de ordem elevada e para ativar aquele resultado, seja pelo Poder Legislativo definitivamente separado em duas vastas zonas, ambas com sobejos elementos de engrandecimento e que de certo progredirão mais ou menos rapidamente: uma ao sul, em contato com a prosperidade de S. Paulo: outra ao norte, por meio de navegação dos rios Araguaia e Tocantins.

## V

### O sistema hidrográfico goiano.

### O que pode dar a navegação fluvial

Depois daquela bela e inesperada transmutação de região metalúrgica em zona meramente agrícola, como causa principal do estado estacionário e de desalento em que

---

<sup>6</sup> Atual Tocantinópolis, no Estado do Tocantins.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

